

70				
			1465	

Reivindicação

# Comunidade indígena luta por mais escolas

## Tribos querem, também, preservar cultura e tradições

Da Sucursal

**A** Educação Indígena tornou-se, nos últimos meses, um dos assuntos mais discutidos no Litoral Sul, a ponto de os próprios índios da região organizarem um seminário para convencer a Fundação Nacional do Índio (Funai) a instalar escolas em todas as cinco aldeias de Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe.

Além de escolas, eles querem, também, que o professor seja um índio, para que a cultura das tribos não fique esquecida, e que o calendário respeite as tradições indígenas e não siga as datas do calendário escolar do homem branco. Isso porque, os feriados de Natal, Ano Novo e Páscoa, por exemplo, não têm nenhum significado para os indígenas.

Isso já vem acontecendo em Mongaguá onde, nas proximidades da aldeia guarani, no Aguapeú, um ônibus adaptado foi transformado em sala de aula. Com capacidade para acomodar até 22 alunos, o veículo possui, carteiras, lousa, banheiro e uma mesa para ca-

fé. E o calendário escolar é programado de acordo com as necessidades da comunidade indígena, respeitando sua cultura e tradições.

“Prova maior disso é que as aulas são ministradas apenas às segundas, terças e quartas-feiras porque, às quintas e sextas, os índios estão colhendo palmito e mandioca para

Os índios são obrigados a subir e descer o morro e cruzar o rio de barco

Maria Regina R. Pavarini

vender nas feiras nos finais de semana. Além disso, a escola funciona de março a dezembro, depois da temporada de verão, que é quando eles conseguem vender mais seus produtos, por causa da quantidade de turistas na região”, explicou a coordenadora do Programa de Alfabetização Indígena (PAI), mantido pela Administração Municipal, Maria Regina R. Pavarini.

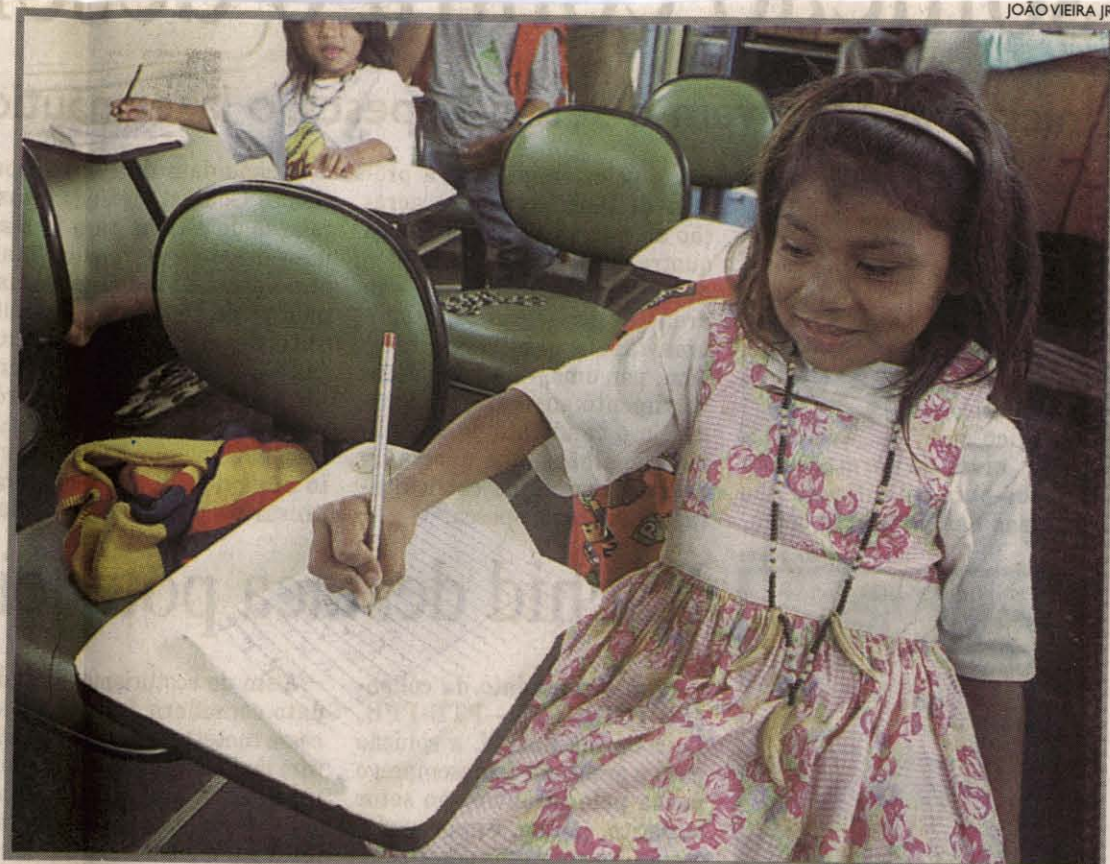
A educadora não concorda

com a afirmação de que o ensino é prejudicado pelo fato de as aulas não serem ministradas por uma pessoa da tribo.

“Para comprovar que eles realmente querem aprender, basta acompanhar o percurso que fazem desde a aldeia até o ônibus. Os índios são obrigados a subir e descer o morro e cruzar o rio de barco, todos os dias. Com certeza, não fariam isso se não estivessem contentes”.

Maria Regina confirma que o calendário das aulas é estipulado com base nas culturas e tradições dos índios. “Isso tem que ser respeitado, mas o índio não pode deixar de ter acesso aos estudos”. Além da aula de Português, os índios aprendem também Matemática e noções de ecologia e ecoturismo e também recebem orientações sobre higiene pessoal.

**Acesso** — A coordenadora do PAI afirma, ainda, que a outra tribo indígena de Mongaguá — pertencente à nação Tupi-Guarani —, instalada no Itaoca, só não é atendida pelo pro-



As crianças da Aldeia Guarani estudam em um ônibus adaptado para servir de sala de aula

grama porque o antigo cacique da aldeia, que foi substituído em fevereiro, não aceitava o ensinamento. “Além disso, o ônibus não tem como chegar a essa aldeia, por causa do acesso, que é muito difícil”.

**Escolas** — Criado há dois anos no município, o Programa de Alfabetização Indígena atende crianças de 4 a 12 anos e alguns adultos, entre eles o próprio cacique da aldeia, Libório Martins da Silva (Mirindju, em guarani). No total, 10 índios acompanham as aulas da professora Luciana Martins da Cunha.